

a. A história da salvação

1. Um livro de história?

O que conta a Bíblia? Espontaneamente, talvez respondamos: uma história ou, mais precisamente, a história de Israel até Jesus, inclusive, se formos cristãos. Mas, se olharmos com um pouco mais de atenção, a questão não é assim tão clara. No Antigo Testamento encontramos narrativas mais ou menos contínuas, sobretudo no início, mas também textos legislativos, proféticos, poéticos e outros que falam da sabedoria. No Novo Testamento encontramos novamente narrativas — os Evangelhos e, depois, os Atos dos Apóstolos —, mas também cartas e um texto que parece concluir o conjunto: o Apocalipse.

Do ponto de vista da trama narrativa, o percurso que vai das origens até Jesus é apresentado de forma desigual. É certo que, no início, do Génesis até ao Segundo Livro dos Reis, se fala da história de Israel, desde a criação do mundo e dos antepassados do povo (Abraão, Isaac e Jacob) até ao fim do período dos reis e ao Exílio, em 587 a.C. Contudo, os relatos iniciais são mais lendários do que históricos e o período que se segue ao Exílio está, em grande parte, ausente. A Bíblia judaica menciona apenas alguns acontecimentos do regresso a Jerusalém, no século V a.C., com Esdras e Neemias, e termina aí. É também a época dos últimos profetas. Sabemos, porém, que outros textos foram acrescentados posteriormente. A Bíblia católica inclui relatos mais tardios, em particular os livros dos Macabeus, no século II a.C., mas estes abrangem apenas uma pequena parte do período que decorre até Jesus.

Em suma, se a Bíblia conta uma história no sentido histórico do termo, fá-lo de forma desigual e com lacunas. E que fazer dos outros livros, que pertencem a géneros diferentes? Será legítimo procurar uma coerência de conjunto ou estaremos perante uma simples coleção de livros com algumas ligações temáticas? Afinal, a própria palavra Bíblia vem do grego, *ta biblia*, que significa «os livros», ou seja, em suma, uma biblioteca.

2. Uma sucessão de alianças

Para encontrar o fio condutor que une todos estes textos, é necessário mudar um pouco a perspetiva. A Bíblia conta, de facto, uma história, mas é a história da Aliança entre Deus e a humanidade. Aliás, a palavra «Testamento» retoma diretamente o termo latino *Testamentum*, que, por sua vez, traduz a palavra grega *diathêkê*, que significa «aliança». Jesus fala de «nova aliança» nas palavras que pronuncia sobre o vinho durante a Última Ceia, enquanto Paulo é o primeiro a falar daquilo que passa a ser designado por «antiga aliança» (2 Cor 3, 14). Foi assim que o Antigo e o Novo Testamento receberam os seus nomes. Se considerarmos a Bíblia sob a perspetiva da aliança, a sua composição global torna-se mais clara.

Com efeito, a Bíblia começa com o Gênesis, que fala da criação do homem e da mulher à imagem de Deus, como colaboradores da Sua obra e numa relação especial com Ele, que os outros seres vivos não possuem. Por terem desejado tornar-se como deuses, romperam essa relação de confiança com Deus e saíram do jardim do Éden.

Mas Deus nunca renunciou à Sua aliança, que renova em várias ocasiões: depois do Dilúvio, com Noé, para garantir para sempre o Seu amor pela criação; depois, ainda no livro do Gênesis, com os patriarcas Abraão, Isaac e Jacob, a quem chama e instala, pela primeira vez, numa terra específica; e, mais tarde, com os descendentes de Jacob — também chamado Israel —, quando os conduz para fora do Egito, sob a liderança de Moisés, a fim de os reconduzir à terra já prometida aos seus antepassados. É o que nos apresentam os livros do Êxodo ao Deuteronômio, isto é, o restante Pentateuco ou Lei de Moisés (em hebraico, Torá). É o momento da grande e solene aliança do Sinai, na qual Deus estabelece uma aliança com todo o povo e lhe revela os Seus mandamentos.

Em seguida, o povo instala-se na Terra Prometida e atravessa períodos contrastantes de sucesso e fracasso, de afastamento de Deus e de regresso a Ele, descritos nos livros dos Juízes, de Samuel e dos Reis. Deus, porém, mostra-Se sempre presente e atento ao Seu povo, mesmo quando o educa através de correções necessárias. O período dos reis, em particular, é marcado por muitos momentos de declínio, sobretudo pela divisão do reino, logo após o reinado do terceiro rei, Salomão, e por poucos momentos positivos, tal é o mau comportamento dos reis. É precisamente este o período dos primeiros profetas, através dos quais Deus procura manter o diálogo e dar a conhecer o caminho da vida que propõe, em vez do caminho da morte seguido pelos reis e pelo povo. «Escolhe a vida», não cessa Ele de recordar, como já afirmava o Deuteronômio. É a época de Amós, Oseias e Isaías. É também o período em que são redigidos os Salmos, sendo os primeiros atribuídos ao rei David, o segundo rei, por volta do ano 1000 a.C. Nestes textos, os crentes dialogam com Deus e exprimem, individual ou coletivamente, as suas alegrias e sofrimentos, as suas faltas e a sua confiança em Deus, apesar das provações.

Este período termina com aquilo que acabou por ser um fracasso definitivo: depois de o reino do Norte, Israel, ter desaparecido em 722 a.C., o reino do Sul, Judá, cai também, em 587 a.C., perante os Babilônios de Nabucodonosor. O Templo é destruído e uma parte do povo, incluindo as suas elites, é deslocada à força, sobretudo para a Babilónia, com o objetivo de a integrar mais profundamente no império. Logicamente, o povo, com a sua fidelidade ao Deus único, devia ter desaparecido. Mas é precisamente nesse momento que recorda a sua história e as suas infidelidades, para ancorar ainda mais profundamente a sua fé em Deus. É então que muitos dos textos que conhecemos ganham forma. É, em particular, a época de Jeremias e Ezequiel. O Exílio e, depois, o regresso a Jerusalém, a partir do final do século VI a.C., para reconstruir a capital e o seu território, são relidos à luz dos relatos lendários da saída do Egito e das leis que o povo já conhecia, e que recebem uma redação definitiva. Durante talvez um século após o regresso a Jerusalém, a maior parte daquilo que conhecemos como Antigo Testamento ganha assim a sua forma final, mostrando como o povo compreende, a partir de então, a sua aliança com Deus, que o reergue mesmo quando cai muito profundamente. O Exílio responde ao Êxodo; o passado e o presente iluminam-se mutuamente. O povo compreendeu que o seu destino está nas mãos de Deus, que deseja o seu bem e Se mostra pronto a perdoar os seus pecados sem medida, se se converter e regressar a Ele.

O essencial está, portanto, dito, e é por isso que poucos textos acrescentam novos elementos à história do povo. Em contrapartida, o diálogo com Deus prossegue através de outros escritos: narrativas ficcionais e textos sapienciais, que permitem aprofundar a relação com Deus e desenvolver a Sua Palavra. Permanece, porém, uma expectativa, que o livro de Daniel regista: a de uma restauração definitiva. Se Israel está unido por uma aliança ao único Deus verdadeiro, Criador do céu e da terra, por que é que não tem um destino mais glorioso, um lugar de destaque entre as outras nações? A esta expectativa junta-se, por vezes, a esperança num eleito de Deus, que recebeu a Sua unção — literalmente, o Seu ungido ou Messias — e que desempenhará um papel central nessa restauração. Esta continua a ser uma expectativa, mais ou menos intensa, de uma parte do judaísmo atual.

3. A aliança definitiva

Nós, cristãos, professamos que esta expectativa encontrou o seu termo — ou, melhor ainda, a sua plena realização — na pessoa de Jesus, depois de um último tempo de amadurecimento. Com efeito, Deus Pai vem pronunciar em Jesus as Suas palavras definitivas: Jesus é o Seu Filho, ou ainda, o seu Verbo. Fez-Se um de nós para entrar em relação connosco na nossa própria carne e entregou-Se a Si mesmo para nos salvar e abrir-nos um caminho definitivo de vida, já não numa terra específica, mas numa comunhão eterna, que atravessa a morte. Ele reabre-nos as portas do jardim do Éden, que se tinham fechado a Adão e Eva.

É esta, pois, a história que a Bíblia nos conta: não a de uma sucessão de acontecimentos considerados em si mesmos, mas a de um diálogo que Deus renova incessantemente para permanecer em comunicação connosco (DV 2). Fala-nos como a amigos, para que possamos acolher a salvação que deseja oferecer-nos, até ao ponto de Se fazer homem para nos reerguer definitivamente. A Bíblia é, antes de mais, o registo desta troca de palavras.

[DIOCESEDECOIMBRA.PT/ABRE-A-TUA-BIBLIA/](https://diocesede Coimbra.pt/abre-a-tua-biblia/)

